

## A RODA, A CRIANÇA E A HISTÓRIA: COMPOSIÇÕES DA AUTORIA INFANTIL<sup>1</sup>

Karin Cozer de Campos<sup>2</sup>  
Gilka Girardello<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca discutir o conceito de autoria infantil, tomando como referência um repertório de narrativas orais produzidas no contexto de uma pesquisa que envolveu rodas de narração de histórias com crianças entre cinco e seis anos de idade, que estudavam no primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública. O objetivo era conhecer e compreender os processos de produção narrativa das crianças no espaço escolar e, assim, pensar sobre como estimulá-las a contar histórias em tal ambiente. A partir, principalmente, da teoria bakhtiniana, abordou-se a relação dialógica na linguagem estabelecida na roda de histórias. Exemplo disso são algumas produções narrativas orais que evidenciam o *eu* e o *outro* nos enunciados das crianças, que aqui são compreendidos como enlaces do texto infantil com o mundo da vida. Evidencia-se, também, que a palavra do *outro* serviu de referência para as produções orais das crianças, o que nos leva a enfatizar que a criança, no momento de contar uma história na roda, cria e recria as suas produções orais para defini-las como as suas histórias e assim instituir a sua autoria.

**Palavras-chave:** Autoria infantil. Criança. Produção narrativa. Roda de histórias.

**RESUMEN:** Este artículo aborda el concepto de autoría infantil, toma como referencia un repertorio de narraciones orales producidas en el contexto de una investigación que involucró ruedas de narración de cuentos con niños entre cinco y seis años de edad, que estudiaban en el primer año de la escuela primaria pública. El objetivo era conocer y comprender los procesos de producción narrativa de los niños en la escuela y, por tanto, pensar en cómo alentarlos a contar historias en el ambiente en sí. A partir, principalmente, de la teoría de Bakhtin, he discutido la relación dialógica en el lenguaje establecido en la rueda de historias. A ejemplo de eso son algunas producciones narrativas orales que demuestran el *yo* y el *otro* en los discursos de los niños, que se entienden aquí como el vínculo del texto infantil con el mundo de la vida. Es evidente, también, que la palabra del otro sirvió de referencia a las narraciones orales de los niños, lo que nos lleva a enfatizar que el niño, en el momento de contar una historia en la rueda, crea y recrea sus producciones orales para establecerlas como sus historias e instituyendo así su propia autoría.

**Palabras-clave:** Autoría infantil. Niño. Producción narrativa. Ruedas de historias.

### 1 Palavras iniciais

---

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas (SENIEE).

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Assistente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Campus de Francisco Beltrão/PR. E-mail: <karincozer@gmail.com>.

<sup>3</sup> Possui Doutorado em Ciências da Comunicação pela USP e Pós-doutorado pela City University of New York. Professora do Centro de Educação, coordenadora do Núcleo Infância, Comunicação e Arte e da Oficina Permanente de Narração de Histórias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: <gilka@floripa.com.br>.

*– Era uma vez uma mulher bem pobre e um filho. Até que um dia a mãe dele disse pra ele vender a vaquinha e ganhar dinheiro. Daí ele foi e comprou, e ganhou feijão pra comer. Só que daí ela jogou pra fora e quando ele foi ver cresceu um pé de feijão. Daí ele subiu até o topo e daí entrou numa casa e o gigante ficou atrás dele. Daí, ele desceu com tudo. Daí disse pra mamãe chamar um..., um machado. Daí ele cortou e quando ele desceu o pé de feijão caiu em cima dele e ele morreu.*

(menino, 06 anos)

Por meio da atividade de narrar a criança desenvolve sua imaginação, amplia suas capacidades orais, de criação, autoria, sensibilidade, memória e, sobretudo, sente-se livre para criar e expor suas diferentes emoções, sentimentos e experiências. É no contexto de uma relação de criação com a linguagem e a voz (instrumento material) que a criança produz suas narrativas, tecendo vozes próximas, distantes, anônimas ou conhecidas que a rodeiam e que, com seus ecos a inspiram a contar e inventar. Afinal, “não existem palavras sem voz, palavras de ninguém” (BAKHTIN, 2003, p. 330).

A partir de um repertório de narrativas orais produzidas no contexto empírico de uma pesquisa, buscamos, aqui, discutir a produção narrativa oral de crianças, relacionada ao conceito de autoria infantil. A pesquisa envolveu, principalmente, rodas de narração de histórias com crianças entre cinco e seis anos de idade, que estudavam no primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada numa cidade do sudoeste do Paraná. Um dos objetivos centrais da investigação era conhecer e compreender os processos de produção narrativa oral de um grupo de crianças no espaço escolar. Um objetivo paralelo era pensar sobre como estimular as crianças a contar histórias em tal ambiente. Para isso tínhamos no horizonte da investigação uma questão central e orientadora: As histórias contadas pelas crianças são inspiradas na literatura infantil, na mídia, em histórias que ouvem na escola ou fora dela, ou que leem em outros materiais de escrita? Ou são histórias constituídas a partir de suas outras experiências de vida?

Em vista disso, procuramos fazer um levantamento do repertório narrativo das crianças participantes da pesquisa, a fim de valorizá-lo, situá-lo e analisá-lo a partir de seu contexto social e cultural. Tratou-se, enfim, de tentar acessar o mundo da vida dessas crianças por meio da linguagem e, em particular, dos enunciados oralizados por elas.

Ao fazermos referência ao mundo da vida, referimo-nos ao mundo do cotidiano, isto é, à cultura. Além disso, a referência que fazemos ao mundo da vida está intimamente relacionada à teoria bakhtiniana – da ligação entre a linguagem e a vida, do discurso verbal que “envolve diretamente um evento na vida e funde-se com este evento” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, s.d., p. 05).

A pesquisa teve como aporte conceitual, que serviu de fundamento para as discussões acerca das produções orais das crianças, a teoria da linguagem proposta por Bakhtin, perspectiva na qual a palavra é concebida como elemento inscrito e constituído na dimensão social. Nesse contexto, foi possível compreender que a criança ao narrar as suas histórias potencializa o desenvolvimento de sua imaginação e linguagem, o que lhe possibilita o exercício da criatividade e da autoria, além de ampliar suas próprias experiências estéticas e culturais.

Um dos pressupostos da investigação, na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, é que a palavra do *outro* serviria de referência para as produções orais das crianças, e, assim elas incorporariam enunciados do *outro* em suas narrativas. Mas verificamos que não se tratou de apenas as crianças apropriarem-se da palavra do *outro* e tornarem-na sua, pois, na interação das crianças com o meio social e cultural, elas também encontraram elementos que contribuíram para constituir sua visão de mundo e para sua formação cultural.

As narrativas orais produzidas pelas crianças durante as rodas de histórias anunciam suas representações sociais e o modo como compreendem o mundo no qual se inserem, inclusive de forma subjetiva. Isto é, as narrativas são tecidas a partir das diferentes referências culturais presentes no cotidiano da criança.

Neste artigo, no entanto, enfatizamos como a criança, no momento de contar a sua história na roda, cria e recria as suas produções orais para defini-las como "a sua história", instituindo assim sua autoria. Esse processo deixa claro o quanto também o discurso oral é espaço potencial de autoria. Nessa perspectiva, Tfouni (2001, p. 83) define a autoria como “uma posição do sujeito a partir da qual ele consegue estruturar seu discurso (oral ou escrito) de acordo com um princípio organizador contraditório, porém necessário”. Cabe, então, dizer que a criança ao contar a sua história ocupa a posição de autor, uma vez que produz textos que precisa organizar, a fim de dar ao seu discurso um começo, um meio e um fim.

Diante disso, o texto, na sua primeira parte, aborda o conceito de autoria infantil – ancorado aqui principalmente na teoria bakhtiniana – e busca pensar a relação dialógica da linguagem

estabelecida na roda de histórias, especialmente quando a criança é a narradora. Na sequência, na mesma trilha teórica, apresentamos alguns exemplos de produções orais que evidenciam o “*eu* e o *outro*” nas narrativas orais das crianças, que nesta escrita são compreendidas como enlaces do texto infantil com o mundo da vida.

## **2 A autoria infantil: a criança é a detentora da palavra**

Em um processo de *interação* das crianças em uma roda de narração oral de histórias, em situações nas quais elas podem narrar e também ouvir suas próprias histórias, ocorre um encontro entre as palavras próprias de cada sujeito e as palavras do “*outro*” – percebidas como enunciados. Para Bakhtin (2003), é na forma de enunciados, orais ou escritos, que a língua se manifesta, igualmente, no enunciado dimensiona-se o outro, e o que falamos se constitui como atividade humana inserida na esfera social. De modo que “toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato *de* que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*”. A palavra também serve de “expressão a *um* em relação ao *outro*” e se constitui como “ponte” entre *eu* e o *outro* (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Nesse sentido, a criança, ao contar uma história, está em interação com o *outro* (seu interlocutor) e se apropria da palavra do *outro*. Isso tudo por meio do processo de *interação* que ocorre entre o locutor e o ouvinte, nesse caso, entre a criança narradora e a criança ouvinte. O que Bakhtin propõe leva à compreensão de que mesmo antes da palavra ser proferida ela já pertence ou foi influenciada pelo *outro*. Isto é, já “está no horizonte da fala do locutor a reação-resposta do outro” (BAKHTIN, 2002, p. 126).

Nessa relação entre o “*eu e o outro*”, o enunciado é orientado para o *outro* e pelo *outro*; desse modo, a linguagem precisa ser compreendida como relação dialógica. A linguagem verbal é um signo privilegiado no processo da comunicação social, e uma das formas mais importantes da interação e da comunicação verbal pode ser a da criança consigo mesma, com as outras que interagem com ela, com os adultos ou com as suas próprias produções orais e escritas.

A interação verbal, um fenômeno social, materializa-se nos enunciados proferidos por interlocutores (no caso das narrativas, o narrador e o ouvinte). Assim, a interação verbal é diálogo, mas não se realiza apenas neste, e sim, também em toda e qualquer comunicação verbal

(BAKHTIN, 2002). É possível afirmar, então, que a relação das crianças com suas narrativas orais, que é também uma experiência estética, constitui uma forma de interação entre os sujeitos pela linguagem, possibilitando-lhes um novo pensar e uma nova compreensão de sua realidade social e cultural.

Para a criança narradora de histórias, seu *enunciado* – sua narrativa – é novo, foi por ela *criado*, uma vez que foi ela, na função de narradora, quem disse, quem contou alguma coisa, no seu contexto. Trata-se de seus enunciados – ressaltando-se que, por outro lado, são sempre constituídos socialmente, num espaço e num tempo determinados por relações sociais. Ou seja, a história que a criança cria e conta parte de algo *dado*, que pode ser o conjunto de narrativas que ela ouviu em diferentes espaços sociais e que advém do mundo da sua vida e ainda da sua capacidade imaginativa e de criação. Porém, mesmo quando ela está reproduzindo um texto, ou seja, recontando uma história, estamos diante de um acontecimento novo e singular. Exemplos disso são algumas das histórias contadas pelas crianças participantes de nossa pesquisa.

Mas, antes de apresentarmos algumas narrativas, situamos que, durante os encontros de pesquisa, as crianças foram estimuladas a compartilhar suas narrativas em rodas de narração de histórias, a partir do enunciado instigador *Que coisas a gente pode contar?* que serviu como uma espécie de fio condutor para aquilo que poderia ser narrado pelas crianças. Isso significa que qualquer experiência da criança era válida, desde um simples momento do cotidiano, um acontecimento, ou uma história que ela tivesse vivido, conhecido por alguém ou por algum material de escrita, inclusive as suas histórias imaginadas. Eis alguns exemplos:

Exemplo<sup>4</sup> 1: Menina, 06 anos.

– É assim: Bela Adormecida. Um dia a mãe foi sair e ela queria ter muito uma filha. Quando ela cresceu, ela pegou e teve uma filha. Quando ela teve uma filha, daí o noivo se casou com ela, e um dia a mãe morreu e ela ficou bem grande assim. Quando ela ficou grande, daí as outras ficaram, as outras duas meninas se arrumaram e daí elas foram saindo. – Vamos, está na hora! – Esperem, eu vou me aprontar. Daí as duas mulher falou assim: - Oh, você não vai ao baile! - Mas era pra todas as moças irem do reino. Daí ela trancou a casa, daí as duas mulher trancou a casa, daí deixaram só a Bela Adormecida. Daí quando a fadinha veio, a fadinha falou assim: - Por que está tão triste Bela Adormecida? Daí ela pegou... – Minhas irmãs foram ao baile e me trancaram em casa! - Daí pegou... A fadinha abriu a porta pra ela. Daí as duas irmãs nem sabiam que a fadinha tava lá, porque elas nem conheciam a fadinha. Daí as outras foi e viu o príncipe. Daí a Cindere..., a Bela Adormecida viu o príncipe, daí Cinderela foi descer. – Vamos tá na hora! - Daí ela perdeu o sapatinho de cristal. Daí todas as moças do reino perdeu seus sapatinhos de cristal. Daí depois a mulher falou assim que as suas irmãs nem percebiam que ela tinha saído da casa. Quando o relógio tocou... Daí a

---

<sup>4</sup> Utilizamos tamanho de letra e formatação diferente para diferenciar tais excertos das citações bibliográficas.

Cinderela falou: - Que pena, não serviu na outra, nem na outra. – Tá faltando aquela ali. – Cin... Bela Adormecida?

– Só que ela nem foi ao baile! – O sapatinho! Daí ela e o príncipe viveram feliz para sempre.

Exemplo 2: Menina, 06 anos.

– Era uma vez a Chapeuzinho Vermelho. A mãe dela mandou ela levar é, bolacha pra vovó dela. Ela falou, a mãe dela falou: - É, vai pela rua. Daí ela foi pela floresta, daí apareceu o lobo. Ele disse: - Onde que você tá indo, Chapeuzinho Vermelho? Ela disse: - Para a casa da minha vovó. Daí, daí ela foi indo, e ele falou: - Por que não colhe umas flores? Daí ela foi colhendo enquanto ele foi na casa da vovó. Daí, daí ele comeu a vovó e vestiu a roupa da vovó, se fingiu que era ela. Daí a Chapeuzinho Vermelho bateu na porta, *pam, pam, pam, pam*. - Quem é? – Sou eu a Chapeuzinho Vermelho, vovó! – O que você quer? – Pode entrar, minha netinha! Daí ela entrou. – Que olhos grandes você tem. – É pra te enxergar melhor, minha netinha. – E que nariz grande você tem! – É pra te cheirar melhor, minha netinha. – É que, é, que olhos, que boca grande? - É pra te comer! Daí ela correu. Daí apareceu o caçador, daí ele ajudou ela, deu um tiro no lobo e daí saiu a vovó, e a vovó convidou o caçador pra tomar uma xícara de café. E terminou.

Essas narrativas trazem personagens e enredo dos contos de fadas, que, com certeza, as crianças conheceram na escola, em casa ou em outros ambientes. No entanto, ao contarem as histórias a seu modo, elas constituem-se como autoras, inclusive mesclando contos diferentes, como no exemplo 1. As narrativas deixam de ser associadas unicamente aos livros de literatura, até porque estes contos surgiram na oralidade e podem ter chegado às crianças desse mesmo modo, e passam a ser as histórias dessas crianças, porque, ao contá-las, elas estão se apropriando delas. Como diria Bakhtin (2003), trata-se de *seus textos, seus enunciados*.

A criança, ao tecer suas narrativas e ao compartilhá-las num espaço de interação, vai constituindo sua identidade, instaurando sua autoridade e explorando sua autoria. Portanto, “não pode permanecer sem voz”. Estamos diante da “criança-sujeito, autora da sua palavra, que mostra os espaços sociais a partir dos quais emerge sua voz, seu desejo” (JOBIM E SOUZA, 2006, p. 24-25). Em momentos como esse, o adulto não precisa falar e nem fala por ela; a criança passa a ser a detentora do espaço social em que está inserida, o que, em todo caso, inclui as contradições sociais e culturais que a constituem.

A questão da autoria é assunto que merece destaque na concepção dialógica da linguagem. Jobim e Souza (2006, p. 100), ao discorrer sobre o conceito bakhtiniano de autoria, observa que “a palavra não pertence ao falante unicamente [...], o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederem aquele ato de fala ressoam na palavra do autor”. Afinal, de acordo com Bakhtin (2003, p. 328), “o autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis

sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono)”.

Ainda com relação às narrativas apresentadas, Perroni (2002, p. 124), a partir dos apontamentos de Mandler, diria que as crianças narradoras nos exemplos 1 e 2 aproveitaram-se de um “script” ou de um “esquema” de história como uma estratégia para compor as suas narrativas e, assim, “estender sua habilidade conversacional”. Tais “esquemas” e “scripts” são adquiridos pela criança, principalmente, quando ela costuma ouvir histórias.

Perroni (2002) indica, ainda, que a criança identifica nos adultos tipos diferentes de discurso de que, depois, ela se apropria para compor as suas narrativas. Entenda-se: à medida que a criança ouve e narra histórias em situações e contextos socioculturais diferentes, ela vai se apropriando dos discursos do *outro* e reformulando as histórias que já conhece, dando-lhes sentidos diferentes, de acordo com sua cultura e com as relações humanas que estabelece com as narrativas, ao mesmo tempo em que vai instituindo autoria ao seu texto – seu enunciado. E vai também ampliando suas possibilidades de elaborar e explorar narrativamente suas experiências pessoais, com evidentes resultados positivos para sua constituição subjetiva.

Assim, constatamos que, numa relação dialógica de linguagem, a criança, quando conta histórias e pode também ouvi-las sendo recontadas (possivelmente de diferentes maneiras), está inserida numa relação de diálogo com os diversos discursos. Em suma, as crianças ouvem, leem e conhecem diferentes histórias, em diferentes contextos, mas, ao contá-las, estão dirigindo-se ao outro, envolvendo-se com o outro, com a palavra própria e com a palavra do outro – o ouvinte.

É possível notar que a criança, ao tecer suas narrativas, expressa um pouco de tudo o que constitui o mundo da vida no qual ela está inserida. Por isso, para a criança, sempre há uma história para criar e contar, não importa em que lugar e nem em que tempo. Sempre há razão para contar alguma coisa. Mas quais seriam exatamente as razões para a criança contar alguma coisa?

A partir da pesquisa que desenvolvemos com um grupo de crianças em roda de histórias, bem como de outros estudos que realizamos anteriormente, apontamos que uma das razões é a necessidade que a criança tem de falar sobre suas experiências, sobre fatos que lhe aconteceram, seus desejos, vontades, realizações, decepções, sentimentos, enfim, do que conheceu e viveu. Trata-se de um impulso que não está presente só nas crianças, mas nos adultos também, como bem disse Egan (2007, p. 23), a partir dos ensinamentos de Barbara Hardy, “vivemos por meio de narrativas”. O adulto “alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra

sua experiência”; já a criança “recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início” (BENJAMIN, 1994, p. 253).

Assim, quando se trata de ouvir as histórias das crianças, há valor social explícito, questões de ética, afetividade e respeito (em ouvi-las). Demonstrar para a criança que o que ela está contando é importante já é uma grande motivação para ela querer contar alguma coisa, principalmente quando o tema é ela mesma, seu mundo e sua vida.

### 3 Os enlaces do texto infantil com o mundo da vida

Essa discussão envolve pensar em que medida, nas narrativas orais das crianças, o que aparece são as vozes mesmas das crianças? Ou se trata de uma voz coletiva, uma voz da escola ou própria da vivência cultural da criança? Numa relação dialógica da linguagem, o “*eu e o outro*” das instâncias culturais é também o “*eu e o outro*” do mundo da vida; e isso é o que nos instiga a pensar sobre a presença do “*eu e o outro*” nas narrativas orais das crianças, isto é, das relações e interferências.

A partir destas questões que também estiveram no horizonte estético-filosófico da pesquisa – e sem a pretensão de esgotá-las – identificamos nas narrativas orais das crianças a presença de diferentes “vozes sociais” (BAKHTIN, 2003) próprias do universo cultural no qual a criança está inserida e se constitui. Constatamos isso em algumas histórias que as crianças contaram nas rodas, nas quais aparecem expressões como as destacadas em negrito:

Exemplo 3: Menino, 06 anos.

-Uma vez era Chapeuzinho Preto, daí a mãe dela falou assim, é, pra ela levar uma cestinha pra vovó pra ela comer. Daí, ela foi, foi e a mãe dela falou pra ela não ir pela floresta por causa do lobo. Daí, daí ela foi pela cidade um pouco. Daí, daí encontrou um negócio cheio de coisa do lado dela, daí ela foi pela floresta. Daí o lobo sentiu o cheiro e ele disse: - **Olá, moça**, é, onde que cê vai? – Ela disse: -Eu, eu vou levar uma cestinha de doces para minha vovó. Daí ele disse: – Ah, aonde que é? Ele disse: -É na rua...ah, daí ele disse, é bem lá onde que eu tinha queeee... E ele foi correndo e ela colheu umas flores pra vovó e daí ele foi lá e daí chegou primeiro do que ela e comeu a vovó. Daí ela tava indo pra casa, pra vovó. Daí ela bateu a porta e disse assim: -Vovó! – Pode abrir, minha netinha! Daí ele disse, ela disse assim: - **Meu, vovó**, por que essas orelhas assim tão grande? –É pra te ouvir melhor. Ela disse assim: - Por que essaa é, esse nariz tão grande? – Pra te cheirar melhor, minha netinha. – Por que esta boca tão grande? – É pra te devoraaa! Daí ela foi correndo, daí o, os dois caçadores escutou, daí matou, mataram o lobo e tiraram a vovó dentro da barriguinha.

Eduardo: (ao lado, em seguida complementa)

- E a vovó foi lá e deu uma xícara de café pro, pros caçador. (Muitas palmas ao final).

Exemplo 4: Menino, 06 anos.

- O botão! Era uma vez é, um botãozinho vermelho, daí ele saiu, daí, deixou o cachorrinho e a cadeira. O cachorrinho sentou na cadeira e a cadeira trancou, e viu a bunda dele, e ele voou longe (risos das outras crianças). E, que daí, até o homem chegou e, daí, eles estavam brigando, daí o homem deu uma chinelada no cachorrinho. Daí, o, o, homem chegou na cadeirinha e daí, e daí o botão falou: -É, aí é minha cadeira, **sai fora, meu!** (voz forte). Daí ele, e daí é, o botãozinho deu um coice nele e aí o cachorro brigou com ele e acabou.

Exemplo 5: Menino, 06 anos.

- Era uma vez um papagaio tava dormindo né, daí passou um gordão. Daí o gordão tava dirigindo e daí veio um carecão: - Daí, amigão vamos jogar uma bola? (voz grossa). Daí ele falou: -Não! Daí ele foi trabalhar. O gordão, daí o gordão ponhou o papagaio dentro do carro. Daí o home foi abrir a porta do carro de trás, daí o papagaio foi e voou longe. Daí: - **Que que é isso, cara?!** (voz grossa). E daí acabou.

As expressões assinaladas no texto (*olá, moça; meu, vovó; sai fora meu! e que que é isso cara?!*) mostram que o mundo da vida permeia o jogo das histórias das crianças. Isso é possível de ser visto na fala dos personagens citados nos exemplos 3, 4 e 5, e que são representações da própria cultura das crianças narradoras. Quando, por exemplo, a criança diz *olá, moça* e *meu, vovó* (exemplo 3), ou, *sai fora, meu!* e *que que é isso, cara?!* (exemplo 4 e 5), elas estão contando e recriando narrativas ouvidas e lidas, fazem-nas com sentidos advindos das próprias experiências cotidianas. De fato, caso limitassem-se a reproduzir o que leram ou lhes foi oralmente narrado, não usariam os enunciados em destaque. A consideração feita a partir disso é a de que a linguagem possibilitou identificar esses elementos da cultura, e que Bakhtin (2003, p. 327) ajuda a compreender melhor ao dizer que:

Quando nas linguagens, gírias e estilos começam a se fazer ouvir as vozes, estas deixam de ser meios exponenciais de expressão e se tornam expressão atual, realizada; a voz entrou nelas e passou a dominá-las. Elas estão chamadas a desempenhar o seu papel único e singular na comunicação discursiva (criadora).

Nessa linguagem que as crianças trazem, nesses enunciados orais apresentados (as narrativas dos exemplos 3, 4 e 5), é possível identificar as *voces* que estão presentes nas produções orais das crianças e que começam a dominar seus discursos e a fazer parte deles. Desses exemplos mencionados, emergem alguns questionamentos: Quem está enunciando ali? Da voz de quem a criança se apropriou para constituir a sua narrativa? Afinal, é reconhecido que os enunciados

destacados não são próprios e únicos da criança, mas sim efeito das suas interações sociais. A partir disso é interessante pensarmos sobre como os enunciados do mundo da vida aparecem nas produções orais das crianças.

Da voz da personagem Chapeuzinho Vermelho que a criança escutou talvez em uma leitura da professora, ou em uma narração oral feita por familiares não se esperaria esse tipo de estrutura narrativa nem o uso de expressões como a que a criança utilizou: *meu, vovó* (exemplo 3). Se tais expressões surgem, é porque existe um tema com outras vozes sociais nessas histórias. Na análise das narrativas, exploramos também algumas questões, tais como: Que temas são esses que as crianças trazem, mesmo numa roda de conversa? São temas do cotidiano? São temas que surgem da televisão? São temas da literatura infantil, dos livros? Ou são temas das suas outras experiências de vida? E, embora uma discussão mais minuciosa destas questões fuja ao recorte que escolhemos para este artigo, sintetizaremos algumas das principais considerações de análise que realizamos.

Na perspectiva da teoria do dialogismo de Bakhtin, ficou evidente que a palavra do *outro* serviu de referência para as crianças, e, assim, elas incorporaram enunciados do *outro* em suas narrativas. Além disso, nas narrativas produzidas durante as rodas de histórias, há elementos que anunciam representações sociais das crianças e o modo como elas compreendem o mundo no qual se inserem, mesmo que de forma subjetiva. Quanto a esse aspecto, Bakhtin (2003, p. 325) observa que:

As línguas, dialetos (territoriais, sociais, gírias), estilos de linguagem (funcionais), digamos o discurso familiar do cotidiano e a linguagem científica, podem entrar naquelas relações dialógicas, isto é, conversar entre si? Só sob a condição de um enfoque linguístico, isto é, de serem transformados em “visões de mundo” (ou em certas visões de mundo centradas na linguagem ou no discurso), em “pontos de vista”, em “vozes sociais”, etc.

Pontuamos que diante das diversas narrativas que foram produzidas nas rodas de histórias, identificamos como as principais “vozes sociais” que serviram de referência às narrativas daquele grupo de crianças a literatura infantil, a televisão, o rádio, o discurso do cotidiano, as histórias de professores, dos pais, parentes e amigos. Dessas “vozes sociais” constatamos que emergiram “visões de mundo” (BAKHTIN, 2003) e “questões sócio-ideológicas” (JOBIM E SOUZA, 2006) das crianças, concretizadas em seus enunciados, isto é, nas suas histórias.

Junto a isso é possível falarmos de movimentos e de transição de *lugares* da narrativa: no livro, na televisão, no rádio, no computador, no celular, nas brincadeiras, na conversa cotidiana, ou

simplesmente numa roda de histórias. Como uma narrativa da tradição oral que se transforma em história de livro, ou história de livro que se transforma em história da televisão (filme), ou ainda, a autoria instituída pela voz da criança narradora que conta a sua história. Mas, nesse deslocar-se da narrativa não há simplesmente reproduções, mas produções-criações de narrativas que se encadeiam *na e pela* linguagem, produzindo, inclusive, diferentes experiências, tanto à criança que narra a sua história quanto àquela que ouve.

Nesse movimento de deslocar-se para diferentes *formas e lugares* a narrativa se produz de novo e, diferente, instaura novamente distintos sentidos e provoca novas experiências estéticas, nas suas múltiplas linguagens possíveis. Tais significados e experiências, provocados pela narrativa, são únicos e singulares para cada sujeito, sem regras e sem necessidade de muitas explicações, apenas sentidos. Porque mesmo as experiências inexplicáveis, pela narrativa, fazem sentido.

Na multiplicidade dos fios da palavra tecida narrativamente se constituem outras narrativas, de outras dimensões, de outros tipos, mas ainda que, às vezes, entrelaçadas com narrativas já conhecidas. Ou seja, narrativas que se constituem de experiências vividas e ao mesmo tempo enriquecem outras experiências – futuras narrativas. Sendo possível estabelecer, nesse encontro, uma relação mútua e de cumplicidade entre o narrador e o ouvinte, entre o *eu* e o *outro*. Ou, retomando palavras benjaminianas: o narrador (*eu*) narra parte de sua experiência ao mesmo tempo em que alarga a experiência do ouvinte (*outro*).

No exercício da criança contar, narrar uma história, não se dá apenas a representação do vivido – da realidade. Ao contrário, o que move a narrativa é, a rigor, a própria necessidade de "ultrapassar" uma primeira *forma* e assim deixar de ser mera repetição. Aí estaria, no dizer de Barthes (1972, p. 60) o “valor emancipador” da narrativa, isto é, o seu poder de recriar a própria realidade, e não apenas continuá-la ou repeti-la. E o narrador, neste caso a criança, ao inserir nas suas narrativas o que conheceu ou viveu estaria produzindo algo novo.

Além disso, compreendemos, a partir da teoria bakhtiniana acerca do *dado* e do *criado*, que a produção narrativa das crianças esteve inteiramente relacionada com o que Bakhtin (2003, p. 326) observa sobre o enunciado concreto: alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo *dado*, que pode ser “a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.”. Em outras palavras, as crianças criaram suas narrativas (seus enunciados) a partir de algo *dado* de suas realidades sociais. Ao mesmo tempo, seus enunciados, contudo, eram únicos e singulares, uma vez que foi a criança quem

os enunciou, numa determinada situação da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003), que, neste caso, eram as rodas de histórias ocorridas no espaço escolar.

Enfatizamos que as narrativas produzidas pelas crianças, durante a pesquisa, eram histórias do mundo da vida delas, ainda que tivessem contos de fada e histórias da literatura como ponto de partida. A criação dessas histórias, no processo de compartilhamento das rodas, revelou-se como instância de autoria, experiência cultural, exercício de subjetividade e de registro das próprias impressões das crianças sobre o mundo. Isto é, da “ligação entre a linguagem e a vida” (JOBIM E SOUZA, 2006, p. 120), que foi possível ser evidenciada nas produções orais de um grupo de crianças. Por essa razão ainda permanecemos a investigar sobre a produção narrativa oral das crianças, para compreender por que é importante para as crianças elaborarem narrativamente suas experiências.

Por fim, destacamos que essas reflexões nos provocam também a pensar sobre uma Pedagogia baseada na experiência, isto é, uma formação para as crianças que valorize o intelecto, mas também que valorize a sensibilidade e seja capaz de cultivar, pela arte e pela linguagem, a capacidade de trocar experiências, ou, valendo-nos das palavras de Kearney (2012), da capacidade de escutar e contar a vida como uma história. Sobretudo, ressaltamos a importância de que na escola se garantisse às crianças “mais e mais tempo para que contassem suas histórias, para que as compartilhassem com os que estão à sua volta” para que assim, professores e crianças, pudessem juntos olhar para “possibilidades ainda não conhecidas, explorando o que significa transformar” (GREENE, 1994, p. 24).

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1972.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (Orgs). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Ágere).

GREENE, Maxine. Multiculturalism, community and the arts. In: DYSON, Anne Haas; GENISHI, Celia. **The need for story**. New York: Teacher College Press, 1994.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.

KEARNEY, Richard. Narrativa. **Revista educação e realidade**. Porto Alegre, v. 37, n.2, maio/ago, 2012.

PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TFOUNI, Leda Verdiani. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 77-94.

VOLOSHINOV, V. N. **Discourse in life and discourse in art** (concerning sociological poetics). In: VOLOSHINOV, V. N. Freudianism. A marxist critique. New York Academic Press, 1976. Texto russo publicado em 1926. Tradução de Cristóvão Tezza para uso didático.

[Recebido: 28 out. 2015 – Aceito: 23 nov. 2015]